

Escolas Modernas e a pedagogia libertária: as bases teórico-conceituais das Escolas Anarquistas¹

Gabriel Lima Seixas²

Resumo: Com as informações obtidas sobre o que é a pedagogia libertaria e o que foram as escolas anarquistas o texto a seguir tem a intenção de apresentar o que é a Anarquia de forma introdutória para poder apresentar o que foram as Escolas Libertarias e o seu impacto dentro da história através do uso de artigos que abordem o assunto de forma histórica na Europa e no Brasil mostrando seu início meio e fim, apontar o método pedagógico e seu objetivo final com o desenvolvimento dos alunos e a sua ligação com a ideologia anarquista.

Palavras-Chave: Escolas Anarquistas- Escola Moderna- Pedagogia Libertaria- Ferrer y Guardia- Anarquia

Abstract: With the information obtained about what libertarian pedagogy and what anarchist schools were, the following text intends to present what Anarchy is in an introductory way to be able to present what Libertarian Schools were and its impact within the history through the use of articles that approach the through articles that approach the subject historically in Europe and Brazil, showing its beginning, middle and it's end, pointing out the pedagogical method and it's final objective with the development of the students and their connection with the anarchist ideology.

Keyboards: Anarchist Schools- modern school- Libertarian Pedagogy- Ferrer y Guardia- Anarchy

I. Introdução

O objetivo dessa pesquisa é a de refletir sobre o método de ensino das Escolas Modernas que já esteve incorporado na educação brasileira, mas é que em pouco tempo foi “censurado” e deixado de ser usado

A anarquia é uma ideologia pouco conhecida. Pessoas que não procuram estudar sobre a anarquia tendem a associá-la com apenas o caos e a falta de ordem, um estereotipo muito difundido que desqualifica os anarquistas e que deve ser combatido. Essa falta de conhecimento sobre o anarquismo também acaba inibindo a sua importância dentro da história.

E a criação da metodologia das Escolas anarquistas foi algo de grande impacto dentro da história, embora pouco citado esse sistema de ensino que tinha como principal objetivo

¹ Artigo apresentado à Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos como exigência parcial para conclusão do curso de Licenciatura Plena em História. Guarulhos/dez/2020

² gabriellima.99@hotmail.com

combater o sistema de ensino capitalista, através de métodos de ensino que não criava uma separação de classes, educava ambos os sexos nas mesmas turmas, criavam-se debates após as aulas sobre a matéria aplicada, além de abrir a escola fora do período letivo para que adultos possam ter aulas básicas e se alfabetizarem.

Essa pesquisa se baseia em artigos acadêmicos e em revistas especializadas os quais discutem o que foi a educação anarquista, sua história, seu criador, a linha de raciocínio em volta dela e por fim o seu final.

As origens do pensamento anarquista no século XVIII

Formatado: Fonte: Negrito

Antes de falarmos sobre a Escola anarquista, é preciso introduzir, mesmo que brevemente, alguns elementos sobre a ideologia anarquista e o contexto histórico em que ela se desenvolveu, para que, assim, possamos compreender melhor o que se entende por “pedagogia libertária”.

No livro História das ideias e movimentos anarquistas, volume 1. A ideia, escrita por George Woodcock apresenta que a Anarquia é um movimento o qual se opõe a toda e qualquer forma de autoridade, mas nem todos que lutam contra a autoridade é anarquista, “Do ponto de vista histórico, o anarquismo é a doutrina que propõe uma crítica à sociedade vigente” (Woodcock, 1983, pag. 7). O objetivo final da Anarquia é o de transformar a sociedade através de revoltas sociais que podem ou não ser violentas. E por causa desses métodos, palavras como terrorismo são associadas a Anarquia, a ideia de que um anarquista é “um mero promotor da desordem, que não oferece nada para colocar no lugar da ordem que destruiu.” (Woodcock, 1983, pag. 8). essa é a visão de que as pessoas comuns possuem sobre a Anarquia, terroristas que buscam através de métodos violentos acabar com a sociedade, agentes do caos.

Entretanto, parece óbvio que o objetivo de homens como Tolstói, Godwin, Thoreau e Kropotkin, cujas teorias sociais têm sido descritas como anarquistas, não foi jamais o de estabelecer o caos. Há uma grande diferença entre o estereótipo do anarquista e o anarquista como geralmente o conhecemos na realidade; essa diferença se deve, em parte, a confusões semânticas e, em parte, a um equívoco histórico. (Woodcock, 1983, pag. 8)

A origem da palavra “Anarquia” e suas derivações são conflitantes, pois a sua origem que vem do grego *Anarchos*, tem como significado “sem governante”, algo que pode ser interpretado de uma forma pejorativa que pode significar a ausência de um governo quanto de forma positiva na qual um governo pode ser desnecessário para a preservação da ordem. George Woodcock complementa essa ideia dizendo:

“Mas é quando consideramos o emprego dessas três palavras num contexto político-social que encontramos importantes variações no seu significado: tanto anarquia como anarquista foram termos usados livremente, em seu sentido político, durante a Revolução Francesa, com um sentido de crítica negativa e até de insulto por elementos de diversos partidos para difamar seus oponentes, geralmente de esquerda”. (Woodcock, 1983, pag. 8)

Pierre-Joseph Proudhon, que foi o primeiro homem a tomar para si o termo anarquista explorou melhor os paradoxos presentes na palavra *Anarchos*, ressaltando que a crítica a autoridade não significa necessariamente a busca por uma desordem, ao associar pela primeira vez as palavras Anarquia e anarquismo a um sentido social positivo faz com que a busca pelos ideais anarquistas se torne mais legítimos, sendo ela a busca por um desejo natural de uma sociedade não autoritária.

"Qual será a forma de governo no futuro? pergunta ele. Ouço alguns de meus leitores responderem: Ora, como podes fazer tal pergunta? Sois republicano! Sim, mas essa palavra não diz nada. Res publica, isto é, coisa pública. Pois bem, então quem quer que se interesse por assuntos públicos - não importa sob qual forma de governo, pode intitular-se republicano. Até os reis são republicanos. Bem, então sois democrata - Não... - Então o quê? - Um anarquista!" (Woodcock, 1983, pag. 10)

Essa ideia sugerida por Proudhon começa a estabelecer uma relação entre outros anarquistas que começam a surgir com o decorrer do tempo como Bakunin, Kropotkin e filósofos com ideias antigovernamentais como Godwin, Stiner e Tolstoi, mas que não se consideravam anarquistas, tratando Anarquia como um sistema filosófico social, visando mudanças na sociedade, substituindo o Estado por uma cooperação não-governamental entre indivíduos livres. Sendo esse o modo o qual Woodcock aborda a filosofia anarquistas durante o discorrer do livro e como ela será tratada no discorrer do artigo.

A associação entre a Anarquia e o Nihilismo se torna presente devido ao preconceito de que essas são ideologias meramente destrutivas e negativas. Em parte, isso acontece devido a militantes anarquistas que ressaltam os aspectos destrutivos proveniente do próprio pensamento anarquista e a ideia de desfazer a autoridade faz com que esses preconceitos se fixem em quem não conhece muito bem a ideologia. Woodcock complementa:

“Entretanto, nenhum filósofo anarquista pensou apenas em destruir. Proudhon usou a frase *Destruam et Aedificabo* como lema dos ataques que dirigiu contra a autocracia industrial na sua obra *Contradições econômicas* (1846). "Eu destruo e construo." E Michael Bakunin acabou seu ensaio sobre a Reação na Alemanha com uma invocação célebre: "Depositamos nossa confiança no eterno espírito que destrói e aniquila apenas porque é a insondável e infinitamente criativa origem da vida. A paixão por destruir é também uma paixão criativa!"” (Woodcock, 1983, pag. 12)

O anarquista aceita que a destruição pode ser parte de um processo de mudança, e deve ser apenas usada nesse caso se necessário pôr acreditar que o homem livre é capaz de construir

algo melhor sobre o que foi desfeito. Bakunin que buscava meios não violentos de mudança apoiava a violência em casos específicos, "As revoluções sangrentas são frequentemente necessárias, graças à estupidez humana..." (Woodcock, 1983, pag. 14) esse trecho retirado do livro do Woodcock expressa muito bem a ideia de que a violência se torna necessária em alguns casos.

Mesmo os anarquistas estando totalmente de acordo sobre os seus objetivos finais o método para alcançar esse objetivo cria algumas divergências dentro da ideologia, principalmente quando se trata do uso da violência, os métodos os quais os principais filósofos anarquistas transitam é apresentado no livro do Woodcock, sendo eles:

Os discípulos de Tolstói não admitiam a violência, quaisquer que fossem as circunstâncias. Godwin desejava obter mudanças através da palavra e Proudhon e seus companheiros, através da proliferação pacífica de organizações cooperativas. Kropotkin aceitava a violência, embora com certa relutância, por ver nela uma parte inevitável das revoluções, que considerava etapas necessárias ao progresso da humanidade. (Woodcock, 1983, pag. 14)

Mesmo com os anarquistas sendo ainda associados a terroristas essa ideia acaba se tornando defasada, uma breve busca dos principais pensadores elimina essas ideias, e quanto a associação ao Niilismo, onde são apontadas falsas semelhanças entre as duas, Woodcock aponta a enorme diferença entre essas duas ideologias, sendo que o Niilismo, sendo mostrado de uma maneira superficial, não acredita em um princípio moral e em nenhuma lei natural. Já os anarquistas acreditam que mesmo após o fim da sociedade o qual o homem conhece o senso criado por vínculos naturais e a fraternidade presente no indivíduo irá manter a união dos homens livres

Ferrer y Guardia e as bases das Escolas Modernas

Nascido em Barcelona, na Espanha, em 1859, em uma família camponesa, Ferrer teve uma educação católica, cujos dogmas ele passou a questionar principalmente depois de entrar em contato com a ideologia anarquista dentro de uma fábrica de tecidos na qual ele trabalhou quando vivia em Barcelona.

Ferrer não concordava com o modo o qual o seu país era governado, e possuía uma aversão ao poder que a igreja exercia sobre o povo e sobre o rei. Através de associações como a de republicanos tentou derrubar a monarquia e instaurar a república na Espanha, devido a esses fatos Ferrer foi exilado em Paris, e em 1886 conheceu o ideal libertário pregado pelo anarquista Paul Robin, o idealizador da Pedagogia Integral.

A partir de então, Ferrer y Guardia aprofundou suas críticas à pedagogia vigente, passando a se dedicar ao estudo de um sistema que pudesse desenvolver métodos e conteúdo de ensino desprendidos dos dogmas da igreja e baseados no princípio da racionalidade científica.

Naquele momento, já existiam na Europa movimentos que buscavam a criação de escolas laicas e foi nesse contexto que, em 1901, Ferrer y Guadia fundou a sua primeira Escola Moderna, definindo como seus principais objetivos possibilitar uma educação que, baseada no desenvolvimento do pensamento racional, libertasse as crianças das tradições do passado, libertando-as, também, dos conceitos de classes e raças. O ensino igual para ambos os sexos foi algo que Ferrer buscava dentro de sua escola, fazer com que as crianças se libertassem da visão machista e extremamente patriarcal da época, pois ao dar uma educação semelhante para as crianças de ambos os sexos faria com que o peso que as meninas tinham desde cedo para ser uma dona de casa e esposa fosse retirado dando espaço para que uma relação de parceria fosse criada entre as crianças.

Algo semelhante acontecia dentro das escolas quando se trata da coeducação das diferentes classes sociais, acreditava-se na inocência das crianças, e a separação das classes dentro da escola poderia ser desastroso e ir contra as ideias da escola libertaria, o ódio e a rebeldia da classe mais baixa pela mais alta não deve existir dentro de uma escola, um ambiente de educação e aprendizado formando um adulto livre de preconceitos. E embora Ferrer fosse um rebelde revolucionário que concordava com a revolta das massas, esses pensamentos não eram transmitidos dentro das salas de aula, o objetivo era formar indivíduos pensantes que pudessem escolher se faziam parte ou não das rebeliões.

Acreditavam que a educação era um caminho importante, porque ela pode iniciar a instauração de um processo que possibilita a reflexão sobre as desigualdades sociais e econômicas. Ferrer y Guardia defendeu com ardor a coeducação das classes, porque se a educação continuasse a ser oferecida separadamente as diferentes classes sociais, perpetuaria uma sociedade dual, baseada na exploração entre classes sociais. Ele partia do princípio de que os homens nascem iguais e, por isso deveriam ter os mesmos direitos, “a convivência entre pobres e ricos, quando ainda criança possibilitaria superar as discriminações sociais e evitar o problema do ódio entre classes (Kassic, Neiva e Kassic, Clovis, 2004, p. 5- 6)” (MARTINS, pag.10)

Em 1906 a escola moderna teve seu fechamento forçado. O anarquista Mateo Morral atentou sem sucesso contra a vida do Rei Afonso se utilizando de uma bomba. Ao ser detido foi aberta uma investigação na qual teve como resultado de que Mateo Morral teria trabalhado na biblioteca da Escola Moderna, fazendo com que Ferrer também fosse incriminado e preso.

Mesmo com sua inocência provada após um ano na prisão ele já não poderia mais retornar com as atividades da Escola Moderna já que sua reabertura fora proibida e seus materiais destruídos.

Como Ferrer não podia mais retornar com as atividades da Escola Moderna ele resolveu viajar, trabalhando seu método pedagógico de outras maneiras, se mudou para Bélgica onde fundou a Liga Internacional para a Educação Racionalista da Infância. Em 1908 iniciou a publicação de uma revista da Liga Internacional, chamada de *L'École Renové*, e retomou a publicação do Boletim da Escola Moderna, muitas Escolas Modernas começaram a surgir pela Espanha e pelo mundo a fora, inclusive no Brasil, proliferando o pensamento racionalista e anarquista.

Em 1909 durante uma visita a Espanha Ferrer se viu no meio de uma revolta popular contra o governo espanhol que havia iniciado uma guerra contra Marrocos e que se tornava cada vez mais forte conforme os operários se recusavam a lutar na guerra, as manifestações tinham começado pacíficas e antimilitaristas. Com o decorrer do tempo se tornou uma greve geral que culminou em ações anticlericais. Em resposta, o governo espanhol começou uma forte onda de repressão, ordenando a prisão de intelectuais e militantes e Ferrer foi pego nesse processo sendo acusado de ser um dos líderes desse movimento, foi sentenciado a morte em outubro de 1909 com as acusações de ser o autor chefe da rebelião, sendo fuzilado no mesmo mês. No mesmo processo de repressão cerca de dez mil exemplares de seu livro *Publicaciones de la Escuela Moderna*, foram confiscados e várias escolas que seguiam os moldes da Escola Moderna foram fechadas

Pedagogia libertária: as bases teóricas e conceituais da educação anarquista.

A educação proposta pelos anarquistas não se prendia apenas ao campo escolar, ele era apenas mais uma das diversas formas de se educar um indivíduo. A educação formal pode ser entendida como uma forma de apresentar aos alunos de uma forma sistematizada as disciplinas estabelecidas no currículo de educação através de um método pré-estabelecido.

A educação informal rompe com esses moldes ao tentar abranger todas as formas de ensino que podem estar presente no cotidiano do aluno, ela pode estar presente em todos os lugares, como por exemplo em protestos, manifestações, nas ações do dia-a-dia, algo no qual pode-se tirar um aprendizado. Esses ensinamentos são passados dentro de uma sala de aula e podem ser debatidos por aqueles presentes nela, algo que não ocorre no caso da educação não-formal que se caracteriza por ser um aprendizado que não possui lugar e hora determinada. Ela,

essa forma libertária de educação, é extremamente flexível aos temas abordados e não possui uma organização concreta quando se trata da forma de ser transmitida, ela não possui o objetivo de fornecer certificados, mas sim o de gerar debates e transmitir informações.

Com ideias simples, porém contundentes, os libertários atacaram os fundamentos da ideologia dominante. Para os libertários, a luta pela instrução se inseria no contexto das demais batalhas que se desenrolavam no sentido de recuperar instrumentos de atuação social historicamente monopolizados pelas classes dirigentes. Insistiam na necessidade da educação como instrumento de atuação social (CALSAVARA, pag.5)

Os anarquistas acreditavam que uma proposta educacional fundamentada na razão e na liberdade, buscando criar uma nova mentalidade, tendo como base, o respeito à liberdade, à individualidade, à livre expressão e pensar da criança. A educação tinha sempre um caráter antissísmico, sendo assim, com um viés revolucionário, o papel da educação para muitos teóricos era algo central em seus debates pois através da educação era possível mudar a base de uma sociedade, iniciado uma nova sociedade sem Estado e sem classes sociais com fortes laços fraternais e solidários. Na revista HISTEDBR On-line é feita uma citação de um jornal intitulado de A lanterna³, que faz a seguinte análise sobre o que é uma escola com pedagogia libertaria.

A escola não deve ser um lugar de tortura física ou moral para as crianças, mas um lugar de prazer e de recreio, onde elas se sintam bem, onde o ensino lhes seja oferecido como uma diversão, procurando aproveitar a sua natureza irrequieta e alegre, as suas faculdades e sentimentos, falando mais à inteligência do que a memória, esforçando-se por desenvolver harmônica e integralmente os seus órgãos. A experiência, a ação direta, a recreação instrutiva serão muito mais favorecidas pelo professor que compreende sua missão, do que longas e fatigantes preleções e as recitações fastidiosas e sem sentido. O que é verificável pelo próprio aluno, o que é demonstrável, o que é acessível, claro, lógico para a criança, o que ela pode por si mesma descobrir ou desenvolver, isso será preferido a todas as divagações metafísicas ou filosóficas, e todas as afirmações impostas pela autoridade do pedante, que não pode senão habituar à preguiça intelectual (Jornal A LANTERNA, 26 fev. 1910).

Os anarquistas buscavam em sua educação um método pedagógico baseado em um projeto revolucionário; ou seja, que rompesse com a lógica capitalista e reorganizasse as estruturas da sociedade, em base a novas relações econômicas, sociais, políticas e culturais. Parte fundamental deste projeto estava relacionado com a completa ruptura os interesses da Igreja e do Estado, importantes bases da Educação, no final do século 19.

Nesse sentido, vale mencionar também o caráter antiautoritário proposto por essa forma de educação. O sujeito que passa por esse processo necessita se emancipar por completo e se submeter, de fato, a uma transformação mais profunda, tornando-se um ser humano “livre”, sem amarras ao sistema e dotado dos saberes intelectual, físico e, acima de

³ Jornal de caráter libertário e anticlerical defendendo uma sociedade laica. Critica os dogmas do catolicismo, mas também o seu sistema a serviço do poder político e econômico.

tudo, autônomo. No fim, o intuito é reforçar que não existem hierarquias e todos aprendem de certa forma, nessa troca pedagógica. (SANTANA, 2018, pag. 474)

Os projetos pedagógicos anarquistas deveriam ter como objetivo possibilitar uma educação que libertasse as crianças das tradições do passado, dos preconceitos, das diferenças impostas por divisões de classes, raças e gênero. Para tal, deveriam procurar desenvolver um senso crítico e racionalista sobre o a comunidade, a sociedade e o mundo, questionando instituições sociais que oprimem o povo, estabelecendo procedimentos como coeducação dos sexos (tendo em mente que nessa época as escolas eram separadas por sexos) e das classes, visando um ensino racionalista, antiautoritário, integral e a preocupado na formação do ser moral.

O professor da escola racionalista deveria assim questionar as grandes verdades apresentadas na escola oficial sem preocupações de qualquer espécie *“e sem olhar as consequências”*. A escola racional não deveria esconder nenhuma das verdades demonstradas pela experiência. *“deve facilitar os meios para que o conhecimento mais essencial a fim de que eles próprios criem sua educação”*⁴ (CALSAVARA, pag.5)

A ausência de métodos avaliativos dentro da escola moderna se tornava um aspecto a ser considerado, pois como o objetivo não era o de encubar o ensino das crianças em áreas específicas e sim o de dar liberdade para que elas desenvolvessem seus pensamentos de forma livre, os métodos avaliativos se tornam defasados por não haver como tirar uma média de cada indivíduo presente em uma sala de aula.

O resgate da História do ensino anarquista no Brasil e as escolas modernas

As imigrações que ocorreram no Brasil no final do século XIX e no início do século XX trouxe junto com os povos as suas culturas e costumes, e com isso as ideias que estavam surgindo dentro do território europeu sobre a sociedade burguesa, tais ideias trazidas pelos povos da Espanha, Portugal e Itália, a ideia de uma sociedade sem governantes, sendo elas apresentadas através de jornais, centros culturais, panfletagem e até mesmo greves.

A dominação do capital sobre o trabalho, não se efetiva apenas pela dominação econômica, mas também pela dominação ideológica, está se realiza a partir do consenso social, ou seja, da aceitação pela maioria da população, da direção que a classe dominante dá à sociedade. Os anarquistas perceberam que as escolas estatais e confessionais eram instituições importantes para consolidar esse processo de dominação. (MARTINS, pag. 6)

Como resposta para enfrentar o processo de dominação a criação de escolas que não fizessem parte do sistema de ensino estatal se tornou necessária, tendo como objetivo mudar a

⁴ A voz do trabalhador, 14 de janeiro de 1914. p.2

mentalidade e possibilitar uma nova formação com base nos princípios de solidariedade, cooperação e liberdade.

A bibliografia sobre pedagogia libertaria no Brasil, até muito recentemente, não era muito vasta. Parte desta dificuldade se relaciona ao fato de que os militantes anarquistas não podiam deixar muitas pistas que viessem a comprometer um movimento cuja essência era a conspiração pela mudança revolucionária do Estado. Além disso, outro fator que contribuiu para a precariedade de registros foi o “apagamento” por parte da pedagogia oficial destas experiências, devido à rejeição das ideias libertarias.

Algumas destas contribuições são baseadas em registros feitos ainda no período da primeira metade do século 20. Outras, surgiram durante as décadas de 1950 e 1960, na esteira do final da Ditadura de Getúlio Vargas e desenvolvimento de projetos sociais sintonizados com as profundas mudanças que estavam ocorrendo no mundo, e também no Brasil, entre o final da II Guerra Mundial e a explosão de diversos movimentos sociais, nos chamados “Anos Rebeldes”.

No entanto, foi apenas com a queda da Ditadura Militar (1964 – 1985) que está bibliografia realmente ganhou volume, como parte da busca por novos rumos para a Educação, durante o chamado processo de reabertura política, quando aconteceu um profundo e amplo processo de discussão sobre os procedimentos didáticos, pedagógicos, metodológicos e teóricos que haviam caracterizado o regime militar e precisavam, obrigatoriamente, ser redefinidos.

A implementação da proposta pedagógica libertaria seguia os moldes da Escola Moderna de Ferrer y Guardia e ela se tornou significativa para a educação dos trabalhadores brasileiros do início do século XX onde a maior parte da população era analfabeta e não se haviam propostas de educação que se preocupassem com a alfabetização de adultos. A primeira Escola Moderna do Brasil foi aberta em maio de 1912 em São Paulo e era dirigida pelo professor João Penteadó.

João Penteadó, um anarquista influenciado pelas ideias de Kropotkin e admirador de Ferrer y Guardia. Assim, podemos afirmar que a primeira experiência de pedagogia libertaria nasceu dessas duas matrizes teóricas. Kropotkin era um anarquista comunista, que defendeu um anarquismo construtivo, baseado no entendimento mútuo, repudia o Estado e acredita que um revolucionário deve unir e guiar os povos e não gerar uma revolução sangrenta e apocalíptica, quanto a educação propõe que ela deve unir teoria e prática, trabalhando intelectual e manual. (MARTINS, pag. 6 e 7)

A Escola Moderna de número um de São Paulo se tornou um modelo da educação libertaria no Brasil e ante dela ser fundada, no ano de 1909, os anarquistas criaram o chamado Comitê Organizador da Escola Moderna, sendo ele responsável não só por dar apoio aos anarquistas, mas também para auxiliar a aqueles que buscavam mudanças no campo da educação. Os preceitos que rondavam a Escola no Brasil não se diferenciavam muito dos que foram estabelecidos por Ferrer em Barcelona, sendo eles a libertação da criança do misticismo religioso e dos moldes oferecidos pela política presente na época, o de desenvolver seu próprio ponto de vista sobre a realidade o qual se está inserido formando um caráter solidário, e por fim os professores deveriam sempre divulgar as verdades adquiridas pelo estudo da ciência e da história para tornar os alunos em homens livres completos.

“eram oferecidos três cursos: primário, médio e adiantado, no período diurno (das 11h30m às 16h30m) e noturno (das 19h às 21h). O curso primário compunha-se das seguintes matérias: Rudimentos de Português, Aritmética, Caligrafia e Desenho. O Curso médio, de Gramática, Aritmética, Geografia, Princípios de Ciência, Caligrafia e Desenho. E o curso adiantado de Gramática, Aritmética, Geografia, Noções de Ciências Físicas e Naturais, História, Geometria, Caligrafia, Desenho e Datilografia”. (MARTINS, pag.7)

Embora as disciplinas presentes no currículo da Escola Moderna pudessem se assemelhar aos demais currículos de outras escolas da época o objetivo que a Escola Moderna tinha para seus alunos era diferente, como já dito antes, seu objetivo era o de fazer com que seus alunos questionassem a sua realidade e se livrassem dos preconceitos e se tonassem indivíduos conscientes de sua realidade.

As Escolas Modernas não ofereciam ensino apenas para as crianças, era oferecido aos adultos ensino profissionalizantes fora do período letivo, Centros de Cultura Social eram realizados, onde haviam palestras e conferências fazendo com que as escolas exercessem um papel que ia além do campo pedagógico se tornando uma grande construtora de pensamentos ideológicos também para a classe operária.

As escolas que ministravam o currículo da Escola Moderna foram fechadas em 1919 devido às fortes tensões criada entre os revolucionários anarquistas e as autoridades devido a circulação de rumores de uma conspiração da derrubada do Governo no Rio de Janeiro, palco de várias atividades anarquistas dos movimentos anarquistas.

Considerações Finais

A apresentação do que é a Pedagogia Libertaria serviu em muito para desconstruir os pré-conceitos e os estereótipos existentes sobre a ideologia Anarquista, a desorganização

nunca foi e jamais será um pilar que sustenta essa ideologia que se mostra em seus estudos sendo algo totalmente sólido dentro de suas ideias, embora exista convergências quando se trata do método de aplicação das ideias o objetivo final nunca muda e as ideias sempre se mantêm as mesmas

Embora o ensino presente dentro das Escolas Modernas pareça um pouco utópico ao se ver pela primeira vez, ao se aprofundar dentro deste conceito que os anarquistas criaram sobre a educação é possível ver que essas ideias podem ser mais palpáveis do que se é imaginado, a construção do questionamento sobre a realidade não é algo presente apenas na anarquia, a construção de uma pedagogia que se adequasse melhor ao que se deve ser essencialmente ensinado aos alunos é algo presente dentro do próprio campo há muito tempo, os anarquistas apenas surgiram com mais um método de ensino que rompesse com os ideais capitalistas e com os preceitos criados pela sociedade vigente, criando assim adultos que tivessem a capacidade de pensar por si próprio, sabendo o que questionar e pelo o que lutar, rompendo as fronteiras raciais, sexuais e econômicas, na tentativa de fazer com que surja uma sociedade que não siga necessariamente todas as ideias anarquistas, mas que através do básico, com as ideias de confraternização surja uma sociedade que possa ir mudando aos poucos.

Bibliografia consultada:

- CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Os anarquistas e a educação: As escolas modernas ou racionalistas*. São Paulo: Universidade de Educação.
- GALLO, Silvio. Anarquismo e Educação: Os desafios para uma pedagogia libertária hoje. *Revista & Trabalho*, N°36, P. 169-186, abr. 2012.
- GONÇALVES, Areceley Mehl; NASCIEMENTO, Maria Isabel Moura. Francisco Ferrer y Guardia: O Racionalismo pedagógica em terras brasileiras. *Revsita HISTEDBR On-line*. Campinas: n°25, p. 67 – 74, mar. 2007.
- GONZAGA, Fernanda. *A história da educação anarquista e seu reflexo na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO).
- KASSICK, Clovis Nicanor. *Pedagogia libertaria na história da educação brasileira*. Santa Catarina: Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).
- MARTINS, Ângela Maria. *A proposta educacional anarquista no Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO)
- MORAES, José Damiro. *Educação anarquista no Brasil da Primeira República*.
- SANTANA, Guilherme Xavier de. Pedagogia libertária: um breve histórico dialogando teoria e prática. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro: n° 27, p. 472 – 491 maio/ago. 2018
- SILVA, Paulo Vitor Ferreira da. *A escola Moderna de Francisco Ferrer y Guardia e o Anarquismo: Dimensão Sociológica e Reverberação*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- SILVA, Rodrigo Rosa Da. *Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1820- 1920)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013
- WOODCOCK, George, *História das ideias e movimentos anarquistas*, vol 1. Ed. L&PM Pocket, Porto Alegre, RS, 2002.